http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2024.v20n2a64479

"Eu tinha trago um cigarro antes que tivesse chego em casa": um estudo sobre a emergência de novas formas de particípio no PB

"Eu tinha trago um cigarro antes que tivesse chego em casa": a study on the emergence of new past participle forms in Brazilian Portuguese

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo[1]

Débora Souza de Deus[2]

RESUMO

Este trabalho observa a variação de formas no particípio passado no PB, buscando explicar a emergência e uso de formas inovadoras, tais como *trago* e *chego*. Estudos sobre o PB (Barbosa, 1993; Lobato 1999; Silva, 2008; Miara, 2013) mostraram que, em relação a formas inovadoras de particípio passado que estão sendo produzidas, os falantes teriam uma certa preferência pelas formas irregulares. Para atingir os objetivos do trabalho, dois experimentos (um de produção e outro de avaliação) foram aplicados a jovens falantes universitários. O suporte teórico do trabalho conjuga os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 1968) e dos Modelos de Exemplares (Bybee, 2001, 2010; Pierrerrumbert, 2003, 2016. Conjugando os resultados de ambos os experimentos, é possível argumentar que a emergência das novas formas de particípio se deva a um processo de analogia por meio do qual formas já existentes na língua (*chego* e *trago*) sejam capturadas por redes mais robustas de formas de particípio (*pego* e *pago*), tendo em vista a similaridade fonética (presença da consoante [g]) e o fato de serem itens já existentes na língua (verbos na forma de 1ª pessoa do singular, presente do indicativo). Além disso, a avaliação já não estigmatizada das formas inovadoras entre falante com maior escolaridade pode funcionar como um fator de propagação dessas formas pela comunidade de fala.

PALAVRAS-CHAVE: Particípio. Variação e mudança. Modelo de Exemplares.

ABSTRACT

This study examines the variation of past participle forms in Brazilian Portuguese (BP), aiming to explain the emergence and use of innovative forms such as *trago* and *chego*. Research on BP (Barbosa, 1993; Lobato, 1999; Silva, 2008; Miara, 2013) has shown that speakers tend to prefer irregular forms when producing innovative past participle forms. To achieve the objectives of the study, two experiments (one on production and another on evaluation) were conducted with young university speakers. The theoretical framework combines the principles of Variationist Sociolinguistics (Weinreich, Labov, and Herzog, 1968) and Exemplar Models (Bybee, 2001, 2010; Pierrehumbert, 2003, 2016). By integrating the results of both experiments, it is possible to argue that the emergence of new participle forms is due to an analogy process, whereby existing forms in the language (*chego* and *trago*) are integrated into more robust networks of participle forms (*pego* and *pago*), considering their phonetic similarity (presence of the consonant [g]) and the fact that they are already established items in the language (verbs in the first person singular present indicative form). Additionally, the

[1] Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, malmelo.lopes@letras.ufrj.br, https://orcid.org/0000-0002-8025-0530.

[2] Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ, deboradeus@letras.ufrj.br, https://orcid.org/0000-0002-6504-0180.

Recebido em 20/06/2024 - Aceito em 23/01/2025

non-stigmatized evaluation of these innovative forms among speakers with higher education levels might act as a propagation factor for these forms within the speech community.
KEYWORDS: Participle. Variation and change. Exemplar Model.

Introdução

As formas de particípio no português brasileiro (PB) podem se realizar de duas formas: há verbos cuja forma de particípio se realiza na forma regular, com a terminação *-do*, tal como em *brinca**do***, *vendi**do***, *parti**do***; há verbos cuja forma de particípio se realiza na forma irregular, tal como em *feito*, *coberto*, *visto*. Alguns verbos são descritos como "abundantes", pois, segundo a prescrição gramatical, admitem tanto a forma regular como a forma irregular: *pago*/*pagado*, *pego*/*pegado*. Barbosa (1993), Lobato (1999), Silva (2008) e Miara (2013) observaram, por diferentes perspectivas teóricas, a realização de formas de particípio de alguns verbos abundantes, incorporando novas formas participais que não são contempladas pela tradição gramatical. De forma geral, os autores apontam para uma preferência dos falantes pelas formas irregulares e para aspectos formais que poderiam explicar a realização de novas formas de particípio, tais como (eu tinha) *chego* e (eu tinha) *trago*. Assim, o presente trabalho tem como objetivo observar um possível processo de mudança das formas participiais de alguns verbos, tais como *trazer* e *chegar*, a partir da emergência e consolidação de novos padrões irregulares (*chego* e *trago*).

Para tanto, foram realizados dois experimentos: um de produção e outro de avaliação, os quais foram aplicados em grupo formado por jovens universitários que, à época, cursavam o primeiro ano da graduação de Letras em uma universidade pública. O experimento de produção precisou ser elaborado, pois os dados necessários para análise desta variável – formas verbais no particípio de verbos específicos – não são encontrados com a sistematicidade necessária em amostras de fala espontânea elaboradas para estudos sociolinguísticos. Por meio do experimento de produção, pretendia-se, então, observar se formas inovadoras como *trago* e *chego* seriam produzidas por estudantes universitários, grupo este que, a princípio, teve acesso à escolarização e, em tese, maior exposição e contato com as formas prescritas pelas gramáticas normativas e abertamente prestigiadas. A produção de formas de particípio inovadoras por esses falantes poderia indicar um avanço dessas formas que, canonicamente, são consideradas formas estigmatizadas ou, pelo menos, tenderiam a ser evitadas por falantes mais escolarizados. Por meio do experimento de avaliação, buscou-se observar se uma avaliação positiva – ou não tão estigmatizada – de formas inovadoras de particípio poderia ser compartilhada por falantes mais escolarizados. Uma avaliação mais positiva ou não tão estigmatizada poderia indicar uma propagação mais rápida da adoção dessas formas inovadoras. Por fim, conjugando os resultados de ambos os experimentos, o objetivo foi oferecer uma hipótese capaz de explicar como formas inovadoras de particípio emergem – sobretudo novas formas irregulares, as quais escapam de processo de regularização – bem como explicar como essas formas podem ganhar robustez e se propagam mais rapidamente na comunidade de fala.

Além desta breve introdução, este trabalho está organizado em outras cinco seções. Em uma primeira seção, serão apresentados os pressupostos teóricos que embasam a presente pesquisa, os quais conjugam os pressupostos da Sociolinguística Variacionistas, no que se refere à concepção de sistema linguístico dotado de heterogeneidade ordenada e de a variação observada ser condicionada por fatores linguísticos, sociais e cognitivos, e dos Modelos de Exemplares, que conferem caráter representacional à variação. Em seguida, serão apresentados alguns estudos que observaram novas formas de particípio no PB. Posteriormente, serão apresentadas a metodologia utilizada para a elaboração e aplicação dos dois experimentos. Por fim, serão apresentadas as análises e feitas considerações sobre os resultados.

1. Pressupostos teóricos

Na década de 1960, a Sociolinguística Variacionista propôs uma visão da língua contrária a uma tradição nos estudos linguísticos que se consolidou na primeira metade do século XX e, segundo a qual, a língua deveria ser concebida como uma estrutura homogênea, abstrata e apartada do uso (fala). Nesse sentido, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) passaram a sustentam a ideia de ser a língua um sistema inerentemente heterogêneo, que inclui tanto estruturas categóricas como variáveis. Apesar de ser inerentemente variável, a estabilidade do sistema seria garantida pelo fato de a variação não se dar aleatoriamente, mas sim por ser a variação condicionada por fatores internos ao sistema linguístico, assim como por fatores sociais e cognitivos (Labov, 1994, 2001, 2010). Assim, para a Sociolinguística Variacionista, a variação é um fenômeno sistemático e previsível, tanto do ponto de vista estrutural quanto social. Consequentemente, ao afirmar que "a mudança linguística é um processo contínuo e o subproduto inevitável da interação linguística", Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) rompem com as dicotomias 'indivíduo e sociedade', 'sincronia e diacronia', 'homogeneidade e heterogeneidade'. Os autores sugerem que "uma explicação plausível da mudança dependerá da capacidade de descrever a diferenciação ordenada dentro da língua" (p. 87-88). Igualmente, a mudança passar a ser entendida como um fenômeno gradual, por meio do qual é necessário que se observe um período de variação para que a mudança linguística aconteça.

Para o estudo da mudança linguística, Weinreich, Labov e Herzog (WLH) propõem que sejam observadas cinco questões fundamentais: (i) problema dos fatores condicionantes, (ii) problema do encaixamento, (iii) problema da transição, (iv) problema da avaliação e (v) problema da implementação. Para o presente trabalho, será observado, com maior detalhe, o problema da avaliação. Conforme assinalam WLH (2006 [1968]), além de determinar diretamente "o nível de consciência social", "toda teoria da mudança linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea" (p. 124). Nesses termos, Labov (2006 [1966]) sugere que quanto mais uma forma linguística for usada por falantes pertencentes à classe social mais elevada, maior será o prestígio conferido a essa mesma forma. Além disso, quanto mais prestígio for conferido a uma determinada forma, mais rapidamente essa forma tende a ser adotada pelos demais indivíduos de uma comunidade de fala.

Conforme aponta Pierrehumbert (2001, p. 201), a Sociolinguística Variacionista se desenvolveu a partir de uma abordagem formal de gramática, "na qual as regras têm probabilidades em vez de serem aplicadas de forma absoluta. Esta extensão responde às descobertas de que os falantes nem sempre usam a mesma pronúncia de uma sequência de sons". A esse respeito, é possível admitir que, tradicionalmente, a Sociolinguística Variacionista assumiu o modelo formal de gramática disponível à época em que seus princípios foram formulados por WLH. Dessa forma, as formas variáveis passaram a ser entendidas como o resultado de um processo que se aplicaria a uma forma subjacente invariável e, por meio de uma regra variável, seriam geradas. Entretanto, WLH já admitiam que o estudo da mudança poderia avançar conforme avançasse também a linguística teórica, a qual poderia trazer novos elementos para um melhor entendimento do sistema linguístico. Em outras palavras, novos modelos de organização do conhecimento linguístico poderiam contribuir para o estudo da mudança linguística.

De fato, nas décadas seguintes ao surgimento da Sociolinguística Variacionista, diferentes modelos teóricos passaram a conceber novas formas de organização do conhecimento linguístico. De acordo com Pierrehumbert (1994), em razão de sua centralidade no conhecimento linguístico do falante, a variação não poderia ser concebida como o resultado de um processo, mas sim deveria ser acomodada em um modelo que incorporasse gradiência e distribuições probabilísticas, concebendo um caráter representacional à variação. Os Modelos de Exemplares (ME), no que diz respeito à relação entre conhecimento abstraído e uso, concebem a língua como um sistema dinâmico, construído a partir da experiência individual de cada falante, concedendo status representacional à variação linguística (Bybee, 2001, 2010; Pierrehumbert, 2003, 2016; Cristófaro e Gomes, 2017, 2020). Os exemplares, assumidos como a base das representações linguísticas, emergem a partir da percepção de ocorrências idênticas da experiência comunicativa do falante por meio da memória enriquecida. A língua, por sua vez, é entendida como um sistema de padrões emergentes que são formados a partir de exemplares individuais de uso dos falantes. Para os ME, as representações linguísticas são detalhadas e o mapeamento entre as informações abstratas e empíricas se dá de maneira dinâmica e contínua.

Os ME permitem uma melhor acomodação da variabilidade, pois todos os exemplares que emergem a partir das experiências sociolinguísticas do falante, em inúmeros contextos de interação social, encontram-se representados no léxico do falante. As representações são detalhadas, permitindo que seja também capturada a indexação social das formas linguísticas: idade, sexo/gênero, origem social, etnia etc. (Foulkes; Docherty, 2006). Segundo Bybee (2010, p. 27), a memória enriquecida, um dos processos cognitivos de domínio geral responsáveis pela emergência da gramática, permite a estocagem mental de detalhes da experiência com a língua, incluindo detalhes fonéticos para palavras e sintagmas, contexto de uso, significados e inferências associadas a enunciados. Os exemplares que emergem a partir da experiência dos falantes com a língua se organizam em feixes de exemplares, em todos os níveis: fonológico, morfológico e sintático (Bybee, 2010). Na figura a seguir, relações morfológicas emergentes são representadas usando o exemplo de alguns verbos do PB no particípio passado com a partícula [adʊ]:

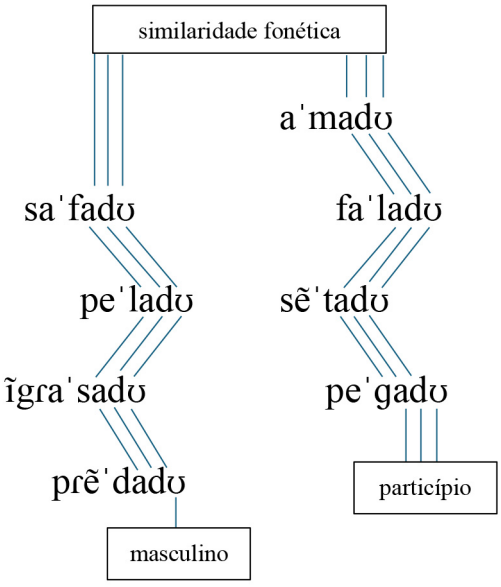
Figura 1: Diagrama de verbos no particípio regular



Fonte: Elaboração dos autores

A partícula [adʊ] em todos os verbos do diagrama registra significado de particípio e, por meio de diferentes ocorrências, forma um feixe de exemplares. Os itens que integram esse feixe, bem como a própria partícula [adʊ], participam de conexões com outros itens lexicais em função de diferentes características compartilhadas, em razão de semelhanças sonoras e/ou semânticas. Assim, a partícula [adʊ] de particípio também integra a rede com outros itens que se aninham em razão da similaridade fonética, mas que não possuem a informação de particípio. Todas essas formas com [adʊ], por sua vez, estão aninhadas entre si e a outros itens pelo fato de a vogal final conter a informação de gênero masculino:

Figura 2: Diagrama de palavras: rede de conexões com [adʊ]

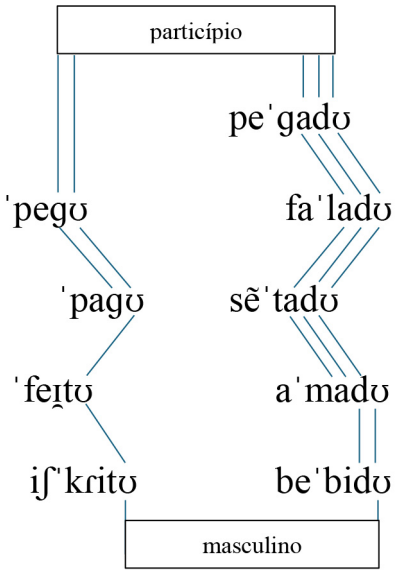


Fonte: Elaboração dos autores

Além disso, as formas típicas de particípio irregular podem estar aninhadas em um feixe de exemplares em razão da vogal final [ʊ], típica do particípio irregular: por exemplo, [ˈpegʊ] *pego*, [ˈpagʊ] *pago*, [ˈfe̯ɪtʊ] *feito*, [ˈditʊ] *dito*, [iʃˈkɾitʊ] *escrito*. Essas formas, devido à vogal final [ʊ]

conter informação de particípio, se aninham à rede com outras formas que também possuem a mesma informação. Todas essas formas se aninham ainda em uma outra rede mais geral, em razão de a vogal final [ʊ] conter informação de gênero (masculino):

Figura 3: Diagrama de palavras: rede de conexões particípio



Fonte: Elaboração dos autores

Segundo Bybee (2010), o foco não deve ser se uma unidade linguística complexa é armazenada na memória de forma isolada ou como parte de uma estrutura mais complexa, ou seja, não importa como as palavras são processadas – seja como uma unidade independente ou como elementos de uma rede mais ampla – , pois a representação mais robusta é que irá orientar o processamento linguístico.

Cristófaro Silva e Gomes (2017) nos dizem que novos itens lexicais são processados – reconhecidos, identificados e discriminados – pelo mapeamento das representações existentes por meio de um conjunto de inferências probabilísticas, e que também têm relação com o conhecimento sociolinguístico, relacionado às diferentes situações interacionais, discursivas e estilísticas de uso da língua. A frequência constitui um parâmetro importante para conferir força e a robustez aos itens lexicais. Bybee (2001) argumenta que há dois tipos de contagem de frequência: frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequency*). A frequência de ocorrência diz respeito à quantidade de vezes em que um item lexical ocorre em uma determinada amostra. Já a frequência de tipo refere-se à quantidade de itens que compartilham um determinado padrão estrutural, isto é, a contagem de quantas palavras no dicionário de uma língua que apresentam um determinado padrão. Os efeitos de frequência podem ser observados tanto na aquisição como na mudança linguística e suscitam efeitos diferenciados no léxico. Bybee diz que a frequência de tipo está ligada à produtividade, ou seja, a probabilidade de um padrão ser aplicado em novas formas, sejam empréstimos ou novos

vocábulos. Já a frequência de ocorrência tem dois efeitos distintos na mudança linguística: (1) itens com alta frequência na língua geralmente são atingidos primeiro que itens menos frequentes, se há uma mudança sonora com motivação fonética; (2) a alta frequência de ocorrência de um item torna-o menos suscetível à mudança gramatical ou analógica com base na análise em outras formas.

Conjugando os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Modelo de Exemplares, é possível argumentar que algumas formas participiais tenham ganhado força e robustez – quer seja pelo aumento de frequência, quer seja por valor positivo atribuído a essas formas –, fazendo com que outras formas emerjam e passem a ser atraídas para essa rede. A questão que se coloca é como essas formas emergem e que mecanismo(s) guiaria(m) a ampliação e direcionalidade da nova rede.

2. Particípo no PB

O particípio passado tem sido explorado em diversos estudos, a partir de diferentes perspectivas teóricas. Barbosa (1993), por exemplo, baseou-se na Sociolinguística Variacionista para investigar o particípio passado e seu objetivo principal era observar um possível processo de mudança nas formas de particípio. Para tanto, o autor conduziu um estudo utilizando testes de particípios e uma análise de dados orais provenientes de gravações da fala carioca. Inicialmente, Barbosa (1993, p. 46) interpretou uma mudança difusionista implementada a partir do registro assistemático de formas participiais em relatos, conversas e publicações, somado ao registro sistematizado nos pré-testes aplicados. Segundo o autor, foram identificadas formas verbais inéditas ao lado das formações tradicionais com o sufixo (-DO). Exemplos dessas formas inovadoras incluem *chego* para o verbo *chegar*, *trago* para o verbo *trazer*, e *perco* para o verbo *perder*. Barbosa (1993) fez uma observação interessante sobre essas formas inovadoras, sugerindo que elas "apresentariam a forma de primeira pessoa do singular do presente do indicativo funcionando como particípios" (Barbosa, 1993, p. 47). Isso aponta para uma hipótese de reaplicação da regra a novos itens, já que

> [a]dmite-se a possibilidade de um processo em seu início para alguns itens, pois o padrão de passagem funcional da forma conjugada à forma nominal de particípio irregular tinha sido observado em itens como "GASTO", GANHO" ou "PAGO", que já fazem parte dos particípios perfeitos rizotônicos. (Barbosa, 1993, p. 47) [grifos do autor]

Nos dados de fala, "a certeza da variação fragilizou-se" (Barbosa,1993, p. 49), pois a motivação para uma variação foi observada apenas com o aparecimento da forma perco para a forma irregular, contudo houve o aparecimento de duas formas regulares - *fazido* e *desfazido*. Para Barbosa (1993), o surgimento dessas duas formas regulares "pode assinalar que não apenas a irregularidade, mas também a regularidade seria o caminho de criação para novos itens" (Barbosa, 1993, p. 51). Essa afirmação, de uma reaplicação da regra, tanto para regularidade quanto para a irregularidade, para formação dos particípios, de certa forma, é relevante com a hipótese deste trabalho, pois as conexões em rede são estabelecidas por proximidades fonética e semânticas que podem ampliar a rede a cada item mapeado.

As variáveis extralinguísticas faixa etária e nível sociocultural também foram significativas para indicar o uso variável dos particípios na pesquisa de Barbosa (1993). A primeira possibilitou a observação, por meio dos pesos relativos, a formação de uma curva etária própria à variação. Para o autor, tal evidência revela "um duplo caminho na mudança: de (-DO) para (-O) e de (-O) para (-DO)" (p. 84), tendo fatores diferentes envolvidos para as duas direções apresentadas de acordo com Barbosa. A segunda variável também apresentou dados importantes, pois diferente da expectativa do autor de uma maior produção de -do por parte dos escolarizados e de mais -o por parte dos menos escolarizados, os dados apontaram direções diferentes. Barbosa (1993) conclui que o uso de *-o* (forma irregular) tem maior probabilidade de ocorrência em falantes com nível maior de escolaridade. "Parecem fugir do estranhamento causado pelo irregular em alguns contextos ou simplesmente optar (-O) na maior parte dos casos previstos pela norma." (p. 187). Entretanto, há também o sentido inverso a depender do item lexical, isto é, o emprego do regular (-DO) em contextos previstos para o regular *-o*, "chegando a admitir formas altamente estigmatizadas pela norma culta." (p. 190). Barbosa finaliza propondo a ampliação do corpus de análise para uma melhor observação do particípio, dizendo que as sondagens realizadas em seu estudo deixaram um caminho que permite dizer onde está ou não está a mudança.

Lobato (1999), a partir da proposta minimalista de Chomsky (1995) sobre traços formais, busca entender o que determina a realização morfológica do particípio português como arrizotônico e/ou rizotônico. A autora rejeita a hipótese de que as formas irregulares sejam reduções das formas regulares e, a partir da proposta de Said Ali (1919;1966), defende que, às vezes, a forma regular parece ser a mais antiga (elegido/eleito) e, em outras vezes, parece ser a irregular a forma mais antiga (*absoluto*/*absolvido, defeso*/*defendido, diviso*/*dividido, resoluto*/*resolvido*). Além disso, ainda conforme Said Ali, haveria casos em que não é possível explicar como a forma regular poderia ter dado origem à forma irregular, pois, na maioria das vezes, o vocábulo precede à criação do verbo e se incorpora à sua conjugação, a exemplo de entregue/entregar. Ademais, o particípio irregular do verbo *pagar*, a forma *pago*, é exclusivo do português, visto que o latim transmitiu às línguas românicas apenas a forma regular *pacatum*. Nas palavras de Lobato (1999), "se não há relação derivacional entre as duas formas de particípio que um mesmo radical verbal gera, tem de estar havendo algum processo mais abstrato que leva à produção das duas" (Lobato, 1999, np). Sendo assim, se a formação das formas regulares e irregulares não partem do controle consciente do falante, isto é, ele não tem ingerência sobre a produção dessas formas e nem há derivação de uma forma irregular a partir de uma regular e vice-versa, Lobato tenta buscar informações subjacentes na língua que determina essa realização.

Para Lobato (1999) o radical é a base na qual as informações subjacentes atuariam para criar as formas rizotônicas e arrizotônicas. Dentre as informações subjacentes, Lobato cita as regularidades fonológicas, verificadas pela relação formação de particípio x vogal temática e pela relação forma do particípio x contexto fonético. De acordo com Lobato,

> [e]m resumo, os traços do radical impõem limites ao que se pode gerar, e nesse sentido determinam o produto final, tanto em sua forma quanto em sua interpretação semântica, mas muitas vezes a informação do radical dá margem a uma dupla derivação, o que implica escolha, daí advindo o caráter relativo da relação determinística. (Lobato, 1999, np).

Dessa forma, apesar de Lobato (1999) defender a ideia de que há traços que possam determinar a formação do particípio, não foi possível identificar que traços são esses e suas reais contribuições para esse processo.

Encontramos no trabalho de Silva (2008) informações relevantes sobre a produtividade dos particípios de verbos do léxico e verbos hipotéticos em formações verbais. A autora observou que verbos hipotéticos, "novos", tendem a regularização, isto é, "o falante obedece, na maioria das vezes, ao padrão de regularidade da língua, preferindo formar particípios regulares" (p. 73). Contudo, de acordo com a autora, os "verbos do léxico" seguiram uma tendência contrária, sendo as formas irregulares mais produtivas, "ocorrendo, inclusive, a criação de formas irregulares para verbos que apresentam, segundo a gramática, apenas particípio regular. Este fenômeno, de certa forma, vai de encontro às regras de formação de palavras, as quais postulam como improdutivas as formas irregulares" (p. 73).

A pesquisa de Silva (2008) teve como objetivo verificar qual a forma mais produtiva/recorrente dos particípios em formações verbais, tentando compreender a inversão da distribuição das formas regulares e irregulares de particípio em formações de tempo composto e voz passiva e a criação de particípios irregulares para verbos que, segundo a Gramática Tradicional, apresentam exclusivamente particípio regular. A autora também observou os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionariam o uso da forma regular ou da forma irregular de particípio pelos falantes, envolvendo tanto verbos presentes do português, quanto verbos hipotéticos. Os resultados desses fatores também se mostram relevantes para esta pesquisa, pois foi observado por Silva (2008) que falantes com um nível mais alto de escolaridade fazem maior uso do particípio irregular e falantes com um nível mais baixo de escolaridade preferem o particípio regular. Nas palavras da autora, "[u]ma das razões que contribui para o aumento da produtividade destas formas irregulares é a tentativa do falante de superar-se no seu próprio modo de falar, realizando um fenômeno de hipercorreção" (p. 75). Ainda de acordo com Silva, o fenômeno de hipercorreção teria relação direta com a questão do prestígio linguístico, já que haveria uma relação entre o uso de formas irregulares e grau de escolaridade dos falantes.

Miara (2013) também estudou os particípios na perspectiva da Sociolinguística, tendo como objetivo tentar compreender o que leva ao uso da forma regular ou da forma irregular, como também o que leva à inovação de verbos que já possuem uma forma para o particípio. Apesar de não haver consenso entre as gramáticas de quais seriam os verbos abundantes no PB, Miara defende que há, no mínimo, 25 verbos abundantes no português. Assim, a autora buscou os condicionamentos estruturais e extralinguísticos para a realização das formas de particípio, por meio de dados obtidos junto ao jornal

Diário Catarinense online, além de um teste de atitude. Para o teste de atitude, foram selecionados 12 verbos, escolhidos dentre 25 verbos considerados abundantes pelos autores pesquisados por Miara (2013). Desses verbos escolhidos, três deles são canônicos, ou seja, registrados como abundantes em gramáticas atuais e nove não são considerados abundantes por algumas dessas mesmas gramáticas. Os verbos selecionados foram: *salvar*, *imprimir*, *entregar*, *pagar*, *ganhar*, *gastar*, *pegar*, *abrir*, *escrever*, *chegar*, *trazer* e *descobrir*.

Os resultados obtidos por Miara demonstraram uma variação no uso das formas de particípio, sendo que, no teste de atitude, houve preferência pela forma irregular, tanto em sentenças ativas como em sentenças passivas. Nos dados escritos, houve maior percentual de uso de particípios regulares em sentenças ativas, o que não atestou a hipótese da autora, já que a amostra escrita se mostrou obediente à prescrição gramatical. Em contrapartida, em ambas as amostras investigadas, os particípios irregulares foram os que apresentaram maior percentual, "já que são as formas mais bem avaliadas pelos falantes e as mais frequentemente usadas na escrita." (Miara, 2013, p. 230).

3. Metodologia

Conforme mencionado anteriormente, esse trabalho tem por objetivo observar um possível processo de mudança de algumas formas de particípio a partir da emergência e consolidação de novos padrões irregulares, com base em um modelo de gramática que tem não só a variabilidade como central ao conhecimento linguístico, mas também confere status representacional à variação. O estudo comparativo entre produção e avaliação poderá fornecer evidências para verificar a emergência dos novos padrões e pode revelar uma avaliação mais positiva de algumas formas inovadoras, as quais podem favorecer a consolidação de novos usos e consequentemente um possível processo de mudança. Importante ressaltar que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos e Saúde Coletiva da Universidade parecer nº 5.077.520, CCAE nº 19063219.0.0000.5286.

3.1. Participantes

Os dois experimentos foram aplicados em estudantes universitários que cursavam os primeiros períodos do curso de Letras em uma universidade pública. No experimento de produção, participaram 40 falantes e, no experimento de avaliação, participaram 47 falantes. Ambos os experimentos foram aplicados no prédio em que os participantes estudavam, em sala separada, com um participante por vez de forma *offline*. Os experimentos foram rodados em um laptop e: (a) para o experimento de produção, as respostas dos participantes foram gravadas e, posteriormente, computadas em uma tabela; (b) para o experimento de avaliação, os participantes ouviram as sentenças por meio de um fone de ouvido e as respostas foram coletadas no próprio equipamento em que o experimento foi realizado, por meio do programa *PsychoPy*.

Não houve controle de idade dos indivíduos, tendo em vista que todos os participantes pertenciam à mesma faixa etária (idade entre 19 e 26 anos). Além disso, não foi controlado o sexo/gênero dos participantes. Em pesquisas futuras, espera-se ser possível controlar essas duas variáveis (idade e sexo/gênero dos participantes), pois ambas podem contribuir para um melhor entendimento da dinâmica deste fenômeno: segundo apontam diversos estudos variacionistas, a adoção de formas inovadoras reconhecidas como prestigiadas tendem a ser adotadas diferentemente de acordo com o sexo dos falantes; e um comportamento diferenciado dos falantes - produção e percepção - a partir de diferentes faixas etárias pode indicar uma mudança de valor social atribuído às variantes e, consequentemente, pode impulsionar um processo de mudança em andamento.

3.2. Experimento de produção

Neste trabalho, optamos por realizar um experimento de produção em vez de recorrer a banco de dados, pois nosso objeto de pesquisa - variação em formas de particípio - não costuma aparecer em entrevistas sociolinguísticas na quantidade necessária para que se observe alguma sistematização. Assim, como é necessário um quantitativo significativo de ocorrências, 12 verbos no particípio foram escolhidos para compor esse experimento, a saber: *amar*, *trazer*, *chegar*, *comprar*, *beber*, *pegar*, *comer*, *pagar*, *incluir*, *fazer*, *cair* e *descobrir*. Se, em entrevistas sociolinguísticas, forem encontrados dados para todos os verbos mencionados, esses serão esparsos e provavelmente nem todos estarão dentro do ambiente sintático delimitado para esta pesquisa – as sentenças ativas com o verbo ter. Assim, optou-se pelo experimento, a fim de provocar a produção sistemática de dados que fossem passíveis de análise.

Dessa forma, os dados foram obtidos pelo experimento de produção, no qual os falantes cumpriram a tarefa de completar 17 sentenças, sendo 12 sentenças com os verbos anteriormente elencando e mais 05 sentenças distratoras. O foco da análise era a alternância das formas de particípio: (a) realização do sufixo –(a/i)do, como em *pegado* e *bebido*; (b) ausência do prefixo, como em *feito* e *descoberto*. Todas as sentenças do experimento foram construídas a partir do mesmo contexto sintático, fazendo com que a resposta dos participantes fosse, necessariamente, uma forma de particípio dos verbos apresentados. Assim, os participantes foram expostos a uma sentença SVO (escrita). O aplicativo *Powerpoint* foi utilizado como suporte para realizar o experimento de produção. A tarefa a ser realizada pelos participantes era a de completar a sentença seguinte com o particípio do verbo a que foram expostos na sentença anterior: “Ele trouxe o livro. O problema seria se ele não tivesse _____.”

Os 12 verbos que compõem a pesquisa não foram escolhidos aleatoriamente e podem ser organizados em quatro grupos distintos:

- Grupo 01: verbos abundantes, isto é, verbos que são produzidos tanto na forma regular como irregular: *pagar* (*pagado* e *pago*), *pegar* (*pegado* e *pego*) e *incluir* (*incluído* e *incluso*);
- Grupo 02: verbos produzidos exclusivamente com a forma regular: *amar*, *beber*, *comer*, *sair* e *comprar*

- Grupo 03: verbos cujo particípio é produzido majoritariamente na forma irregular: *descobrir* (*descoberto*) e *fazer* (*feito*), mas que podem ocorrer com a forma regular: *descobrido* e *fazido*;
- Grupo 04: verbos que apresentam formas irregulares inovadoras de particípio: verbos *trazer* (tinha *trago*) e *chegar* (tinha *chego*), os quais são observados em conversas informais, postagens na internet, nas pesquisas mencionadas no capítulo anterior (Barbosa, 1999; Silva, 2008; Miara, 2013) e costumam ser objeto de avaliação explícita por parte dos falantes.

As sentenças-alvo incluíam os 12 verbos selecionados e as 05 sentenças distratoras continham, no lugar dos verbos, nomes: dinheiro, juízo, livros, paciência e orgulho: "Ele tinha dinheiro. O problema seria se ele não tivesse _____". O participante não tinha tempo pré-determinado para responder a cada slide e só era apresentado o outro slide após a resposta à sentença que estava em tela. O tempo de resposta não foi contabilizado, entretanto a hesitação dos falantes diante de algumas formas, mostrou que seria interessante esse controle do tempo de resposta em trabalhos futuros.

3.3. Experimento de avaliação

Conforme assinalado anteriormente, é importante observar não só a produção, como também a avaliação dos falantes sobre as variantes produzidas. Já que além das afirmações de (Barbosa, 1999; Silva, 2008; Miara, 2013) sobre a preferência das formas irregulares pelos falantes, os participantes do nosso experimento de produção relataram que suas produções estavam vinculadas às percepções do que eles achavam certo ou errado, usando muitas vezes as palavras bonito e feio para se referirem a algumas formas do particípio. Em consequência desses relatos, o experimento de avaliação foi construído com o objetivo de analisar se os valores atribuídos às formas de particípio têm impacto na emergência de formas inovadoras. O experimento de avaliação foi aplicado a indivíduos que pertenciam ao mesmo grupo social dos falantes que participaram do experimento de produção.

As sentenças do experimento foram gravadas duas vezes por uma mulher, com nível universitário e idade entre 25-30 anos. As gravações continham realizações distintas para o mesmo verbo, sendo uma gravação com a forma regular e a outra com a forma irregular. Os itens foram organizados em duas listas, cada uma com metade dos estímulos com uma variante e metade com a outra. Assim, cada participante ouviu seis sentenças com a forma regular de cada um dos verbos e seis sentenças com a forma irregular de cada verbo. Nenhum falante ouviu o mesmo item com as duas variantes. No total cada participante ouviu 12 sentenças-alvo e 6 distratoras.

Os verbos selecionados para o experimento de avaliação foram escolhidos em consonância com os resultados obtidos no experimento de produção, pois deveriam apresentar a forma regular e irregular do particípio. Assim sendo, foram descartados os verbos *amar*, *comprar*, *beber*, *comer*, *fazer*, *cair*. Esses verbos não apresentaram nenhuma ocorrência inovadora que pudesse levá-los

a ser considerados abundantes em nosso experimento de produção. Por mais que o particípio do verbo *descobrir* tenha sido produzido com *descobrido* no experimento de produção, este verbo não serviu de estímulo para o experimento de avaliação, uma vez que a realização desta forma se dá por analogia ao tipo de particípio mais frequente na língua (regular) e o que se analisa neste trabalho é a emergência de formas irregulares. Isto posto, temos 02 listas dos verbos que compõem o experimento de avaliação:

- no Grupo 01, estão os verbos que não contêm a consoante oclusiva, velar, sonora na formação do particípio: *salvar* (*salvo*/*salvado*), *ganhar* (*ganho*/*ganhado*), *imprimir* (*impresso*/*imprimido*), *aceitar* (*aceito*/*aceita*), *gasta* (*gasto*/*gastado*), *incluir* (*incluso*/*incluído*);
- no Grupo 02, estão os verbos que contêm consoante oclusiva, velar, sonora na formação do particípio: *pegar* (*pego*/*pegado*), *pagar* (*pago*/*pagado*), *trazer* (*trago*/*trazido*), *chegar* (*chego*/*chegado*), *pregar* (*prego*/*pregado*), *afagar* (*afago*/*afagado*)

A técnica utilizada para realização do experimento de avaliação foi a de *matched guise* (Lambert, 1960). No momento de aplicação dos experimentos, uma situação era relatada aos ouvintes a fim de ambientá-los ao experimento: "Você está em uma escola e ouve uma mulher dizendo algumas frases. Após ouvir cada frase, diga se ela foi produzida pela diretora, pela inspetora ou pela faxineira da escola". Cada participante ouviu 02 (duas) vezes cada sentença. Após ouvir cada sentença, os participantes julgar se a sentença ouvida havia sido dita pela *diretora*, pela *inspetora* ou pela *faxineira* da escola. A profissão escolhida revela expectativas sociais distintas, pois, segundo Votre (2010), as formas estigmatizadas são associadas com um falar errado ou vício por parte dos falantes mais escolarizados. Assim, quanto mais uma determinada forma linguística se aproxima do padrão de prestígio, mais ela deve ser associada ao perfil da *diretora* da escola; por outro lado, quanto mais uma determinada forma linguística se distancia do padrão de prestígio, mais ela deve ser associada ao perfil da *faxineira* da escola.

A fim de que fosse possível estabelecer uma comparação entre a avaliação das formas regular e irregular de cada verbo, foram atribuídos diferentes valores para as respostas dadas pelos participantes aos três perfis de profissões: se, após ouvir uma sentença, o participante associasse tal sentença ao perfil *diretora*, o valor 01 era atribuído ao estímulo daquela sentença; se a escolha fosse pelo perfil *inspetora*, o valor 02 era atribuído ao estímulo daquela sentença; se a escolha fosse pelo perfil *faxineira*, o valor 03 era atribuído ao estímulo daquela sentença. Dessa forma, quanto mais alto o valor atribuído a uma determinada variante, significa que houve mais associações com a profissão de faxineira, e, consequentemente com o perfil social de baixa escolaridade e de atividade profissional pouco valorizada. Esse valor será, para fins de análise, tomado como "grau de estigma" das formas avaliadas.

4. Análise

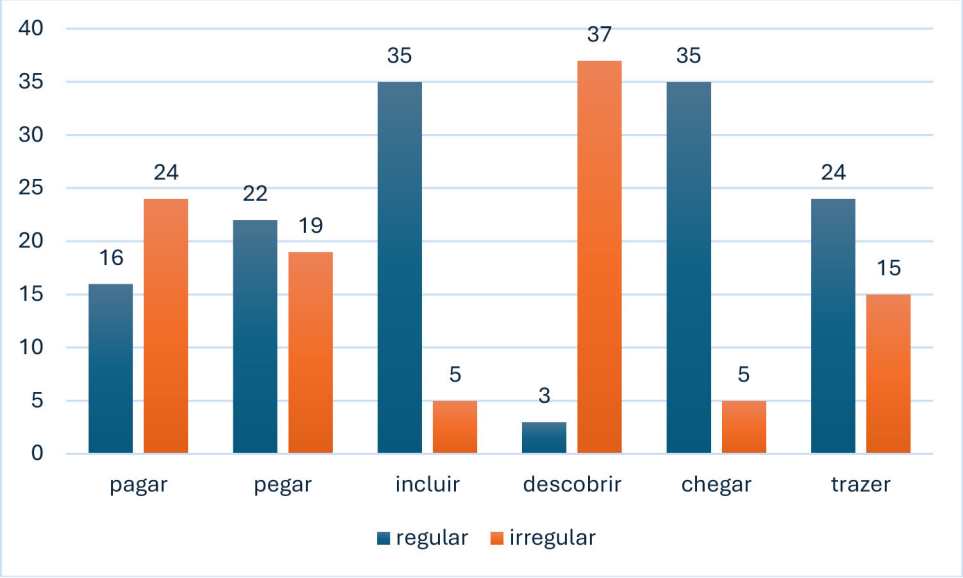
Nesta seção, serão apresentados os resultados para o experimento de produção e, em seguida, os resultados obtidos para o experimento de avaliação. Os resultados de ambos os experimentos serão discutidos, momento em que serão levantadas hipóteses sobre a emergência e uso de formas inovadoras de particípio, a partir dos pressupostos teóricos assumidos por esta pesquisa.

4.1 Experimento de produção

Conforme já esperado relativamente às produções dos verbos *amar*, *comprar*, *beber*, *comer* e *cair*, os 40 participantes produziram apenas a forma regular de: *amado*, *comprado*, *bebido*, *comido* e *caído*, respectivamente. Não foram observadas, portanto, formas variáveis de particípios para esses verbos, uma vez que todos os participantes produziram, categoricamente, as formas inicialmente esperadas para esse grupo de verbos. Os participantes também produziram, categoricamente, a forma irregular de particípio do verbo *fazer* (*feito*).

Relativamente aos verbos *trazer*, *chegar*, *pegar*, *pagar*, *incluir* e *descobrir*, os participantes alternaram as formas de particípio. No gráfico 1, é possível observar o número de ocorrências que cada variante produzida pelos participantes no experimento:

Gráfico 1: Resultados para verbos que apresentaram variação



Fonte: Elaboração dos autores

No gráfico 1, podemos observar que os verbos *pagar* e *pegar* apresentam maior variabilidade entre as formas regular e irregular: para o verbo *pagar*, temos 16 ocorrências da forma regular (*pagado*) e 24 ocorrências da forma irregular (*pago*); para o verbo *pegar*, os participantes produziram 22 ocorrências da forma regular (*pegado*) e 19 ocorrências para a forma irregular (*pego*). Esses dois

verbos são considerados abundantes pela tradição normativa, sendo realização das duas formas, regular e irregular, descritas por diferentes autores. Além disso, em razão de as duas formas serem aceitas pela tradição normativa, não é incomum observar não só a alternância dessas formas por falantes em diferentes situações comunicativas, como também a avaliação explícita sobre o uso das formas regular e irregular. Essa alternância, como também a preferência por uma das duas formas, acontece com outros verbos no particípio, sendo descrita por Barbosa (1993) como uma forte tendência dos falantes, que parecem evitar a forma regular e, consequentemente, preferem o emprego da forma irregular. Segundo o autor, esta tendência a produzir particípios irregulares se entende pelos demais verbos da língua, fazendo com que novos itens irregulares sejam criados – tais como *chego* e *perco* – e passem a alternar com a forma regular. O mesmo autor afirma ainda que "[n]o sentido inverso a tal tendência, outros itens lexicais revelam o emprego do regular (-DO) em contextos previstos para o irregular em (-O), chegando a admitir formas altamente estigmatizadas." (Barbosa, 1993, p. 187).

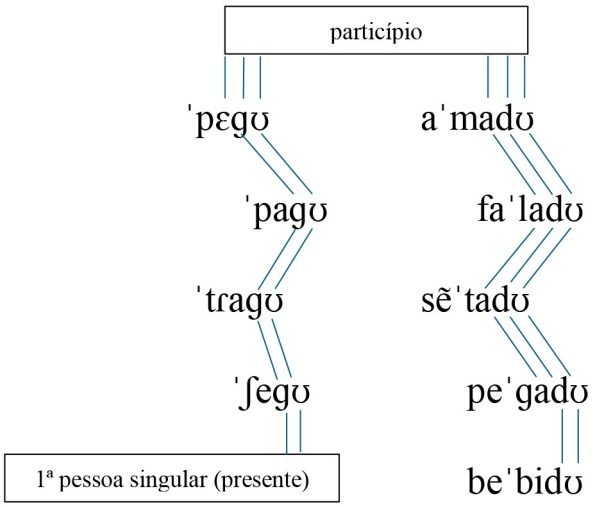
Os verbos *incluir* e *descobrir* apresentam maior realização para uma das formas, tendo, respectivamente, 35 ocorrências para a forma regular (*incluído*) e 37 ocorrências para a forma irregular (*descoberto*). Por outro lado, para as formas *incluso* e *descobrido* temos, respectivamente, 05 e 03 ocorrências. O verbo *incluir*, assim como *pegar* e *pagar*, é em um verbo abundante descrito pela tradição gramatical. O interessante em relação ao verbo *incluir* é o fato de a forma irregular parecer não ser a preferida entre os participantes, diferentemente do que apontam Barbosa (1993), Silva (2008) e Miara, (2013). Em relação à forma *descobrido*, o que se observa é a regularização do particípio, o que pode ser explicado por meio da analogia que alguns falantes podem fazer em razão de a forma irregular para o particípio passado deste verbo ser pouco frequente. Assim, por ser a frequência da forma *descoberto* pouco frequente para alguns falantes, esses mesmos falantes, por meio da analogia, produzem a forma regular que é o tipo mais frequente na língua para verbos das três conjugações verbais.

Apesar de não serem descritos como verbos abundantes canonicamente, as formas de particípio dos verbos *chegar* e *trazer* foram produzidas tanto na forma regular – validada pela tradição gramatical – como na forma irregular pelos participantes do experimento. Em relação ao verbo *chegar*, a forma regular (*chegado*) ocorreu 35 vezes e forma irregular (*chego*) foi produzida 05 vezes pelos participantes do experimento. Já em relação ao verbo *trazer* , a forma regular (*trazido*) foi observada em 24 ocorrências e a forma irregular (*trago*) foi observada em 15 ocorrências. Assim, os resultados para os verbos *chegar* e *trazer* revelam que as formas inovadoras (particípio irregular: *chego* e *trago*) são produzidas por alguns dos participantes do experimento. Embora sejam frequentemente objeto de comentários por falantes em redes sociais e grande mídia, sendo comumente associadas a falantes pouco escolarizados e/ou de classes sociais mais baixas, as formas *chego* e *trago* foram produzidas por falantes universitários, isto é, por falantes escolarizados. Em outras palavras, pode ser que o uso dessas formas esteja se propagando na comunidade de fala, sendo usadas por falantes de grupos que, a princípio, tenderiam a rejeitar tais usos.

Além de atestar o avanço no uso de formas inovadoras, também se faz necessário buscar uma explicação para o surgimento dessas formas inovadoras e o porquê de esses novos usos parecerem atingir apenas alguns verbos, ao mesmo tempo em que parecem ser evitadas – ou, simplesmente, não são produzidas – para outros verbos. Neste sentido, um modelo teórico que conceba os itens organizados em uma rede de conexões de similaridade fonética e semântica parece oferecer uma explicação para os usos inovadores das formas de particípio dos verbos chegar (*chego*) e trazer (*trago*). As formas irregulares para o particípio dos verbos *pagar* e *pegar*, dentro do grupo dos verbos abundantes, foram as que, juntas, apresentaram maior número de ocorrências, 24 para a forma *pago* e 19 para *pego*. É possível, tomando os pressupostos teóricos do Modelo de Exemplares, que essas formas irregulares (*pago* e *pego*) formem uma rede robusta composta por itens que estão relacionados fonética e semanticamente, em razão de, respectivamente, serem realizados com uma consoante velar [g] e de serem formas relacionadas ao particípio. Igualmente, as formas *pago* e *pego* também são formas verbais de 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo: 'eu pago' e 'eu pego'. Assim, o fato de esses itens formarem uma rede robusta por meio da qual esses três aspectos estão relacionados (presença da consoante [g], forma de particípio e forma verbal de 1ª pessoa do singular, do presente do indicativo) pode fazer com que outras formas com as mesmas características sejam também capturadas por essa rede mais robusta.

Desta forma, outros verbos com estrutura sonora semelhante (com a oclusiva velar sonora) e que já existam na língua (1ª pessoa do singular, no presente do indicativo) podem ser atraídos para essa nova – e robusta – rede. Em outras palavras, a realização de formas de particípio inovadoras *trago* e *chego* pode ser o resultado da ampliação da rede de particípios constituídos por oclusivas velares sonoras: já que '(eu) trago' e '(eu) chego' já são itens da língua e, em razão da similaridade sonora (estrutural) e de já serem formas verbais (1ª pessoa do singular do presente do indicativo), são atraídas pela rede de particípios irregulares formada pelos itens *pago* e *pego*. Assim, por meio de associações fonéticas e semânticas, a rede de particípios com a velar sonora [g] se amplia à medida que as conexões semânticas e sonoras vão se formando, permitindo que a emergência de formas inovadoras para o particípio dos verbos *trazer* e *chegar*, tidos como verbos que possuíam apenas a forma regular – *trazido* e *chegado* – possam se acomodar na rede de conexões já formada pelas formas *pago* e *pego*:

Figura 4: Diagrama de palavras: rede de conexões particípio



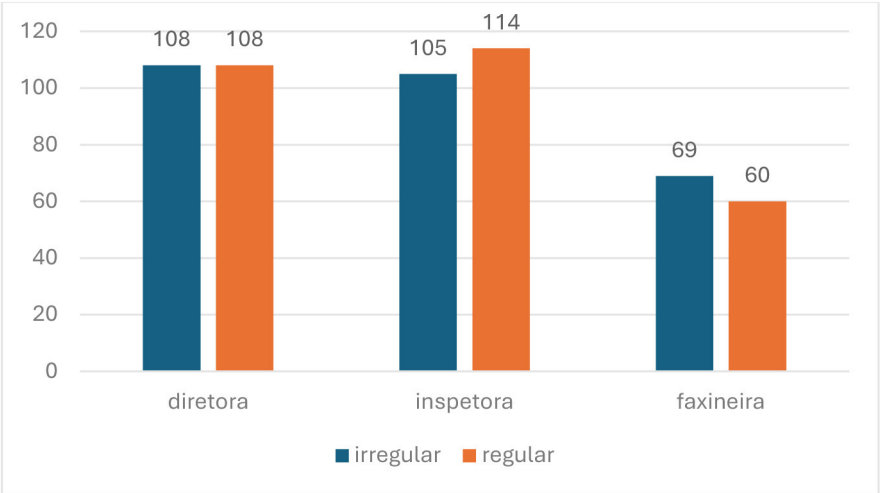
Fonte: Elaboração dos autores

Por meio da figura 04, é possível dizer que as generalizações decorrentes das formas de particípio irregulares com os verbos pagar (*pago*) e pegar (*pego*) se expandiram e passaram a se aplicar em palavras novas que tenham semelhança com esses verbos. A hipótese de que uma rede já existente na língua captura formas inovadoras torna-se mais plausível por meio dos dados e resultados obtidos por meio do experimento de produção.

4.2. Experimento de avaliação

No total, foram obtidas 564 respostas dos participantes, sendo a distribuição geral pela forma do particípio (regular e irregular) apresentada no gráfico a seguir:

Gráfico 2: Resultados para verbos que apresentaram variação



Fonte: Elaboração dos autores

Conforme se depreende do gráfico 2, as respostas se distribuíram quase de maneira uniforme entre os perfis, o que pode indicar que, no que se refere à forma verbal de particípio, não parece haver avaliações distintas que possam levar ao entendimento de uma forma ser mais bem avaliada do que a outra, isto é, de que haja uma melhor avaliação de formas regulares do que irregulares ou vice-versa. Parece ser certo também que esse equilíbrio na distribuição das respostas por perfil profissional reflita diferentes avaliações das formas apresentadas, sem parecer haver um direcionamento das respostas para um tipo específico (regular ou irregular). Assim, é necessário que sejam analisadas as respostas dos participantes para cada um dos estímulos, a fim de avaliar se há variantes que apontam para um ou outro extremo da tabela, o que pode, por sua vez, indicar um possível grau de estigma ou prestígio atribuído às formas de particípio.

A tabela 1 a seguir traz os resultados do experimento de avaliação, apresentando o número de respostas associadas a cada forma verbal que não contém uma oclusiva velar sonora na formação do particípio por cada uma das três profissões, bem como a pontuação geral atribuída para cada forma (regular e irregular):

Tabela 1: Resposta ao experimento de avaliação: distribuição geral sem oclusiva velar

verbos	perfil profissional			TOTAL
	diretora	inspetora	faxineira	
aceitado	7	11	5	44
aceito	8	11	5	45
incluído	14	6	3	35
incluso	16	6	2	34
ganhado	6	8	9	49
ganho	6	8	10	52
impresso	9	12	2	39
imprimido	10	9	5	43
salvado	9	8	7	46
salvo	10	10	3	39
gastado	12	8	4	40
gasto	6	9	8	48

Fonte: Elaboração dos autores

Em relação aos verbos que não têm a oclusiva velar sonora na formação de particípio irregular (-ago ou -ego), é possível observar que não houve diferenças de avaliação entre as formas regulares ou irregulares dos verbos *aceitar* e *incluir*, uma vez que o grau de estigma foi praticamente o mesmo para ambas as variantes.

Os verbos *ganhar* e *imprimir* apresentam uma pequena diferença de avaliação entre as formas regular e irregular, revelando, ainda, uma diferença quanto às tendências de avaliação para as formas de particípio dos dois verbos: a) para o verbo *ganhar*, as respostas para a forma irregular apresentam um grau de estigma ligeiramente mais alto (52) do que para a forma regular (49); b) para o verbo *imprimir*, também houve uma pequena diferença de avaliação entre as duas formas de particípio, sendo o grau de estigma ligeiramente mais alto para a forma regular (43) do que para a forma irregular (39).

Os verbos *gastar* e *salvar* foram aqueles que apresentaram maior diferença entre a avaliação das formas de particípio para ambos os verbos. É possível ainda observar tendências diferentes para a avaliação das formas regulares e irregulares dos dois verbos: a) para o verbo *salvar*, a forma regular apresentou um grau de estigma mais elevado (46) do que a forma irregular (39); para o verbo *gastar*, a forma regular irregular apresentou grau de estigma mais elevado (48) do que a forma regular (40).

A tabela 2 a seguir traz os resultados do experimento de avaliação, apresentando o número de respostas associadas a cada forma verbal que contém uma oclusiva velar sonora na formação do particípio por cada uma das três profissões, bem como a pontuação geral atribuída para cada forma (regular e irregular):

Tabela 2: Resposta ao experimento de avaliação: distribuição geral sem oclusiva velar

verbos	perfil profissional			TOTAL
	diretora	inspetora	faxineira	
afagado	15	6	2	33
afago	19	2	3	32
chegado	3	15	5	48
chego	5	12	7	50
pagado	7	9	7	46
pago	8	13	3	43
pegado	9	10	4	41
pego	13	7	3	36
trago	7	7	9	48
trazido	8	14	2	42
pregado	7	10	7	48
prego	1	8	14	59

Fonte: Elaboração dos autores

Em relação aos verbos que têm a oclusiva velar sonora na formação de particípio irregular (-ago ou -ego), é possível observar que não houve diferenças de avaliação entre a forma regular ou irregular do verbo *afagar*: houve uma concentração de respostas, para as duas formas, no perfil de maior prestígio social, bem como um grau de estigma praticamente idêntico para as formas regular (33) e irregular (32). Isto pode ter acontecido em razão da baixa frequência do verbo *afagar* na língua, o que pode ser levado os participantes a associarem o verbo ao perfil mais prestigiado, independentemente da forma de particípio adotada.

Houve pequena diferença de avaliação para as formas de particípio dos verbos *chegar* e *pagar*. Para o verbo *pagar*, a forma regular teve um grau de estigma ligeiramente mais elevado (46) do que aquele observado para a forma irregular (43). Em relação o verbo *chegar*, à forma irregular foi atribuído um grau de estigma ligeiramente maior (50) do que para a forma regular (48). Embora esses resultados tenham sido esperados para o verbo *pagar*, chama a atenção para a associação de respostas ao estímulo com a forma inovadora e irregular do verbo *chegar*: essa proximidade do grau de estigma atribuído às variantes, bem como de concentração de resposta no perfil intermediário, pode indicar

que há uma aceitação, cada vez maior, da forma inovadora, inclusive entre falantes com alto grau de escolaridade.

Ainda em relação aos verbos cujo particípio irregular contém a consoante oclusiva velar sonora, é possível observar uma diferença um pouco mais acentuada para a avaliação das formas de particípio dos verbos *pegar* e *trazer*: a) relativamente ao verbo *pegar*, a forma irregular apresenta um grau de avaliação menos negativo (36) do que a forma regular (41; b) em relação ao verbo *trazer*, é possível observar que a forma irregular recebeu um grau de estigma superior (48) do que a forma regular (42). Chama a atenção ainda o fato de as respostas terem se distribuído de maneira quase uniforme entre os três perfis para a forma inovadora irregular (*trago*), o que pode indicar também, assim como para a forma *chego*, uma mudança de avaliação para as formas de particípio deste verbo.

Por fim, em relação às formas regular e irregular do verbo *pregar*, houve uma diferença muito acentuada para a avaliação das formas de particípio, com uma grande concentração de respostas para o perfil menos prestigiado socialmente (faxineira) em relação à forma irregular (*pregado*), além da maior diferença observada entre os graus de estigma entre as variantes: 48 para a forma regular e 59 para a forma irregular. De fato, além de o particípio deste verbo não ser muito frequente na língua, esse item pode funcionar tanto como forma verbal de 1ª pessoa do singular (eu *prego*) como nome comum (o *prego*), o que pode causar estranhamento quanto aos seus usos para forma de particípio passado.

Considerações Finais

Este trabalho investigou, a partir dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionistas e do Modelo de Exemplares, a emergência e consolidação de formas inovadoras de particípio. O objetivo era entender como essas formas inovadoras emergiam e por que esse fenômeno só afeta alguns verbos. Diversos autores (Barbosa, 1993; Lobato 1999; Silva, 2008; Miara, 2013) observaram o uso de formas inovadoras de particípio passado de diferentes perspectivas teóricas. A partir de uma abordagem variacionista, Barbosa (1993) e Miara (2013) argumentaram que parece haver uma preferência por formas irregulares de verbos no particípio, principalmente por falantes de maior nível de escolaridade. Essa preferência, contudo, é explicada pelos referidos autores a partir, tão-somente, de uma avaliação positiva ou negativa por parte dos falantes, sem oferecer uma hipótese de como o sistema abstrato dos falantes se organiza, a fim de que essas formas possam emergir. Como forma de obter os dados necessários para a análise que se pretendia fazer, foram elaborados e aplicados um experimento de produção e um de avaliação.

Os resultados do experimento de produção permitiram observar que as formas inovadoras *trago* e *chego* são produzidas por falantes universitários que passaram um período regular de escolarização, pressupondo a exposição desses participantes às formas canônicas do particípio - *trazido* e *chegado*, que por algum motivo não estão centralizadas em suas redes de conexões. Dessa forma, é possível depreender que há um processo de propagação dessas formas inovadores entre estudantes universitários,

em função, dentro da visão dos Modelos de Exemplares, da ampliação da rede de conexões: as formas verbais participiais inovadoras [ˈtragʊ] *trago* e [ˈʃegʊ] *chego* no PB podem estar associadas a feixe de exemplares mais robustos de formas participiais irregulares – [ˈpegʊ] *pego*, [ˈpagʊ] *pago* – em razão da similaridade fonética (consoante oclusiva, velar, sonora) e, tal como as formas participais *pego* e *pago*, já serem formas existentes na língua.

Os resultados do experimento de avaliação permitiram observar que, diferentemente das afirmações dos trabalhos anteriores sobre a variável, parece não haver uma preferência pelas formas irregulares do particípio. De fato, o que se observa é uma distribuição bem semelhante no que se refere à preferência dos falantes por formas regulares e irregulares. Provavelmente, a propagação de formas inovadoras de particípio pode estar ganhando força devido ao fato de essas formas não serem tão estigmatizadas por falantes com escolarização regular, sugerindo uma mudança de avaliação que pode ajudar a impulsionar a adoção de formas como *trago* e *chego* já atestadas em estudos anteriores, bem como a emergência de novas formas.

Nesse sentido, entendemos que seja necessário, futuramente, ampliar os experimentos para obtenção de um corpus maior que possibilite extrair novas informações, bem como a aplicação dos experimentos a falantes pertencentes a outros grupos sociais, com diferentes níveis de escolaridade, classes sociais e faixas etárias. A aplicação somente a outras faixas etárias possibilitaria observarmos se há um processo de mudança em andamento. Também vemos a necessidade de incorporarmos novos verbos, pois em coletas aleatórias, outras formas participais puderam ser observadas, tais como: "ainda bem que fechei com o pedreiro anterior, pois o novo tinha *peço* um valor muito alto para concluir a obra". Parece que a rede de particípios irregulares está se ampliando para outras formas de 1ª pessoa do singular (presente do indicativo) que não possuam a consoante [g].

Referências

BARBOSA, Afrânio G. *Particípios duplos na fala carioca: variação e distribuição lexical*. Dissertação de Mestrado. Pós- graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1993.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BYBEE, Joan. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. *Língua, Uso e Cognição*. Maria Angélica Furtado da Cunha (tradução) e Sebastião Carlos Leite Gonçalves (revisão técnica). São Paulo: Cortez, 2016.

CRISTÓFARO SILVA, Thaïs; GOMES, Christina A. Teoria de Exemplares. *In*: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. *Fonologia, fonologias*: uma introdução. São Paulo: Contexto, pp. 157-168, 2017.

CRISTÓFARO SILVA, Thaïs; GOMES, Christina A. Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares. In: GOMES, C. A. (org.). *Fonologia na perspectiva dos Modelos de Exemplares*: para além do dualismo natureza/cultura na ciência linguística. São Paulo: Contexto, 2020.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*: Internal Factors. Philadelphia: John Benjamins, 1994.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*: Social Factors. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. New York: Cambridge University Press, 2006.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso (tradução). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*: Cognitive and Cultural Factors. Philadelphia: John Benjamins, 2010.

LAMBERT, Wallace E. *et al.* Evaluational reactions to spoken languages. *In Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 60, n. 1, 44-51, 1960.

LOBATO, Lúcia. Sobre a forma do particípio do português e o estatuto dos traços formais. *DELTA*, São Paulo, v. 15, n. 1, fev. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501999000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 fev. 2023.

MIARA, Fernanda L. Jardim. *Particípios duplos: usos, desusos e alguns "intrusos"*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Linguística. Florianópolis, SC, 2013. 239p. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/107342/319589.pdf?sequence=1

PIERREHUMBERT, Janet B. Knowledge of Variation. Papers from the Parasession on Variation, 30th meeting of the Chicago Linguistic Society, *Chicago Linguistic Society*, Chicago, 25 pp, 1994.

PIERREHUMBERT, Janet B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. *In*: J. Bybee and P. Hopper (eds.), *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

PIERREHUMBERT, Janet B. Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In: R. Bod, J. Hay and S. Jannedy (eds.) *Probability Theory in Linguistics*. The MIT Press, Cambridge MA, pp.177-228, 2003.

PIERREHUMBERT, Janet B. Phonological representation: Beyond abstract versus episodic. *Annual Review of Linguistics* v. 2, pp. 33-52, 2016.

SAID ALI, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964 [1931]. p. 146-154.

SILVA, Inaciane T. da. *O uso do particípio em formações verbais no português do sul do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

VOTRE, Sebastião. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L. *Introdução à Sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 51- 57.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*; tradução de Marcos Bagno; revisão técnica Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.